

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Ana Paula Guimarães Silva

**Construção da sonoridade do coro amador:
estratégias utilizadas por regentes**

Mestrado em Fonoaudiologia

São Paulo
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Ana Paula Guimarães Silva

**Construção da sonoridade do coro amador:
estratégias utilizadas por regentes**

Dissertação apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, sob orientação da Profa. Dra. Marta Assumpção de Andrada e Silva.

São Paulo
2018

BANCA EXAMINADORA

Aos meus pais, *Maria das Graças* e *Geraldo*, exemplos constantes de perseverança e fé os quais me fizeram chegar até aqui com orgulho de ser quem sou. A todos os meus *alunos*, e ao *Coro Somos Todos Som*, fontes de inspiração.

À CAPES pelo incentivo financeiro
concedido durante o Mestrado.

Agradecimentos

À minha orientadora **Prof.^a Dra. Marta Assumpção de Andrada e Silva**, por me guiar com destreza no caminho científico sempre sensível a arte. Por acreditar que eu poderia ir além com os meus pensamentos musicais, e me instigar a revelar meu melhor para construir um belo trabalho.

Aos meus companheiros de turma **Andrea Petenucci, Ivy Martins, Marcela Martinez, Mauro Andrea e Raiza Mendes**. Vocês são pessoas incríveis e tornaram esse caminho mais suave e precioso.

Às professoras **Ester Bianchini, Léslie Piccolotto, Maria Cláudia, Ruth Paladino, Teresa Momensohn**, e ao professor **Luiz Augusto (Tuto)** pelo importante e generoso saber compartilhado neste processo.

Ao **Laborvox** por proporcionar importantes momentos de troca e conhecimento.

À sempre prestativa **Virgínia Pini**. Sua organização e disposição foram fundamentais.

A todos os **regentes** que participaram dessa pesquisa colaborando com suas experiências em favor da música coral.

Ao querido maestro **Eduardo Fernandes** por sua valiosa colaboração em minha pré-qualificação.

Às profundas reflexões e contribuições de **Maria Cristina Borrego e Leila Vertamatti** em minha qualificação.

À **Stela Verzinhasse** por seu minucioso conhecimento na análise estatística.

Ao amigo e regente **Irândi Doraz**. Sua leitura cuidadosa e cheia de amor me trouxe segurança e vigor para seguir.

Aos amigos **Ana Letícia, Marcos Mitre, Pietro Viviani e Renata Boniol**, por disporem de vossos tempos e contribuírem na leitura de um universo tão distante dos seus.

Ao amado amigo **Reinaldo Sanchez**, meu primeiro regente, e que desde então me provoca à pensamentos sensíveis e emocionados referente a música coral e a vida. Obrigada por fazer parte da minha história.

À querida amiga e cantora **Fabiana Cozza**. Te encontrar neste percurso foi marcante para mim. Sororidade e amor imprescindíveis.

Ao **casal Eisenhardt**, pela compreensão com meus estudos, confiança e incentivo para deixar refletir nos nossos trabalhos.

A todos os **coralistas e alunos**, vocês sempre foram os principais impulsionadores de todos os meus estudos. Saibam, aprendi com vocês antes de tudo.

À minha pequena “**cãopanheira**” **Core**. Meu bálsamo na angústia, minha companhia nas noites mal dormidas, minha alegria diária. Obrigada por seu amor incondicional.

Aos meus **pais, irmãos, sobrinhos e todos amigos** que sempre acreditaram e me incentivaram cada qual do seu jeito no decorrer da minha carreira e deste processo. As preces e energias emanadas chegaram até aqui. Obrigada!

À **Deus, Mestre maior**. Se sou, és porque me permite.

RESUMO

Introdução: ao considerar que 90% dos coros no mundo são amadores e que na maioria das vezes esses não recebem orientação de um professor de canto, cabe, na maioria dos casos, apenas ao regente a conduta do preparo vocal dos coralistas e a atribuição de uma sonoridade coletiva. **Objetivo:** verificar as estratégias utilizadas por um grupo de regentes de coro amador para a construção da sonoridade de seus coros.

Método: trata-se de uma pesquisa observacional transversal descritiva. Foi elaborado um questionário para o estudo com base na literatura e na experiência das pesquisadoras, dividido em três partes: identificação da amostra, caracterização do coro amador analisado e investigação a respeito da sonoridade. A seleção dos sujeitos aconteceu por meio da técnica *snowball* e o critério de inclusão foi: ter mais de 18 anos, ser regente de coro amador com experiência mínima de dois anos e estar em atividade de regência no grupo escolhido por no mínimo seis meses. Para as respostas sobre a forma de trabalho com a sonoridade foram criadas cinco categorias com os termos mais recorrentes. Foi realizada análise estatística descritiva dos dados por meio de frequências absolutas e relativas. **Resultados:** a amostra foi finalizada com 65 regentes, 58.5% do sexo masculino e 41.5% do feminino, com a média de idade de 42.2 anos e desses 64.6% possuíam dez ou mais anos de carreira. Sobre a característica do coro amador, a maioria eram de música popular (70.8%), com 10 a 20 integrantes (38.5%) e faixa etária entre 31 a 40 anos (30.8%). Na construção da sonoridade destacou-se a categoria de aspectos técnicos com 42.4%, na sequência empatadas com 19.2% aspectos relacionados a interpretação e aspectos de percepção musical, e por último, aspectos relacionados ao corpo/ respiração com 10.1%. A maioria (70.8%) dos regentes relataram dificuldades para conseguir a sonoridade desejada. **Conclusão:** o grupo de regentes analisados utilizou como estratégias para trabalhar sonoridade majoritariamente aspectos técnicos: vocalizes; técnica vocal; aquecimento e ressonância.

Descritores: música; treinamento da voz; canto; som.

ABSTRACT

Introduction: in considering that 90% of the choirs in the world are amateurs and that most of the time they do not receive guidance from a vocal coach, in most cases, only the conductor is responsible for the vocal preparation of the choristers and the attribution of a collective sound. **Objective:** to verify the strategies used by a group of amateur choir conductors to construct the sonorities of their choirs. **Method:** This is a descriptive cross-sectional observational study. A survey was prepared for the study based on the literature and the experience of the researchers, divided into three parts: identification and characterization of the sample, characterization of the analyzed amateur choir and investigation on the choral sonority. The selection of the subjects was given by the snowball technique and the inclusion criteria was to be at least 18 years older, to be regent of amateur choir with minimum experience of two years and to be ruling the group for at least six months. For the answers on the form of work with the sonority were created five categories with the most recurrent terms. A descriptive statistical analysis was performed using absolute and relative frequencies. **Results:** the sample was finalized with 65 regents, 58.5% male and 41.5% female, with a mean age of 42.2 years and 64.6% of them had ten or more years of career. About the characteristic of the amateur choir, the majority were popular music (70.8%), with 10 to 20 members (38.5%) and age group between 31 to 40 years old (30.8%). In the construction of the sonority, the category of technical aspects was highlighted, with 42.4%, followed by tunes with 19.2% aspects related to the interpretation and aspects of musical perception, and lastly, aspects related to body / breathing with 10.1%. The majority (70.8%) of the regents reported difficulties to achieve the desired sonority. **Conclusion:** the group of regents analyzed used as strategies to work sound mainly technical aspects: vocalizes; vocal technique; warm-ups and resonance.

Descriptors: music; voice training; singing; sound.

Lista de tabelas

- Tabela 1** - Distribuição da amostra de regentes (n) e (%) segundo o sexo, a formação profissional, o tempo de atuação como regente e estado de atuação (caracterização da amostra).14
- Tabela 2** - Distribuição de regentes (n) e (%) segundo a quantidade de coros que rege, a utilização de estudos da área da Fonoaudiologia e/ou Otorrinolaringologia, tipo de coro amador, tempo de atuação no coro, quantidade de integrantes e faixa etária dos coralistas.16
- Tabela 3** - Distribuição de regentes (n) e (%) segundo estilo de canto, presença de outros profissionais nos coros, dificuldade para conseguir a sonoridade, influência da sonoridade do coro para o repertório e a presença de outro profissional no auxílio da construção da sonoridade.17
- Tabela 4** - Distribuição das respostas (n) e (%) segundo as categorias formadas a partir das questões “Como você trabalha a sonoridade deste coro?” E “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?”19
- Tabela 5** - Distribuição de regentes (n) e (%) segundo categorias e combinações extraídas das questões: “*Como você trabalha a sonoridade deste coro?*” E “*Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?*”21
- Tabela 6** - Distribuição de regentes (n) e (%) por extraídas das questões: “*Como você trabalha a sonoridade deste coro?*” E “*Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?*”21

Lista de quadros

Quadro 1 - Categorias das questões: “Como você trabalha a sonoridade deste coro?” E “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?”	13
Quadro 2 - Síntese das respostas das dificuldades apontadas pelos regentes em relação a sonoridade.	18

Sumário

1. Introdução	1
2. Objetivo	4
3. Revisão de literatura	5
4. Método.....	11
4.1 Preceitos éticos	11
4.2 Seleção da amostra	11
4.3 Instrumento	11
4.4 Procedimentos	12
4.5 Análise de dados.....	13
5. Resultados	14
6. Discussão	22
7. Conclusão	34
8. Referências bibliográficas.....	35
9. Bibliografia consultada.....	37
Anexos	38

1. Introdução

Há indícios do canto coletivo desde a Pré-história. Existem referências de coro no teatro grego, assim como há relatos que no século I os cristãos em Roma já cantavam em coro (Stanley, 1994). Na atualidade, encontramos grupos corais em igrejas, escolas regulares, escolas de idiomas, universidades, clubes, empresas, associações das mais diversas, condomínios e grupos independentes.

Dados apontaram que cerca de 90% de coros no mundo se intitulam como amadores (Arruia, 1980), nomenclatura essa que não se refere estritamente a uma questão qualitativa, mas sim, por não se caracterizar como trabalho e fonte de renda para seus cantores. Ser um coro amador não significa ser tecnicamente inferior a um profissional, no entanto, cabe observar que o nível técnico exigido aos integrantes de um coro profissional é superior ao coro amador, conforme Sobreira:

A atividade coral é historicamente amadora, não no sentido da qualidade de *performance*, mas no seu sentido primordial e estrito de quem *ama*. Raros são os grupos corais cujos membros são cantores profissionais ou com esta formação (Sobreira, 2013, p.62).

Durante o meu desenvolvimento profissional na música coral, vivenciei experiências que me fizeram refletir sobre a conduta da sonoridade de cada grupo em que atuei. A minha formação musical acadêmica, na maioria das vezes, preocupada com densos conteúdos estruturais, enfatizou o domínio técnico da música e do gesto e com menos vigor, a condução do trabalho com as pessoas que eu teria nas mãos enquanto regente. No entanto, a formação do músico é contínua, e a prática da regência coral mostrou com o tempo demandas mais abrangentes na eminência de alternativas contextualizadas para a descoberta do som do coralista¹.

Atualmente, meus estudos na área de Fonoaudiologia sobre a voz artística, mais do que o suporte para as questões anatomofisiológicas - que fomentam práticas empíricas à luz de exercícios técnicos, vieram ao encontro na descoberta do som como imagem do regente e de quem soa, ou seja, aquele que idealiza a concepção

¹ Coralista termo popularmente conhecido para corista, definido como aquele que canta em coro, que participa de coro, cantado ou falado, de uma opera, opereta ou de igreja (Houaiss, 2001, p.838.). Optou-se neste trabalho utilizar a palavra coralista ao invés de corista por ser mais comum e presente no meio.

musical e aquele que a interpreta. A abertura para a possibilidade de reflexão mútua nesta área do conhecimento fez-se atraente, pois enquanto a Fonoaudiologia responde ao som do indivíduo, a Regência Coral responde ao som coletivo. Desta forma, vale fazer a emenda que este trabalho não se comprometeu com estudos de análise acústica, avaliação perceptiva auditiva ou protocolos validados, trilha elucidar o pensamento do regente sobre a sonoridade do coro amador, considerando sua experiência e prática no grupo em que atua.

A sonoridade coral, por vezes, é relacionada com a homogeneidade das diferentes vozes. De acordo com Swan (1988) seria difícil imaginar um belo grupo vocal sem homogeneidade, possivelmente, ela seria a técnica coral mais necessária e importante. Em contraponto, Figueiredo (2010) pontua que o objetivo de um coro não precisa ser necessariamente a homogeneidade, até mesmo porque seria difícil pressupor qual seria o princípio desta, se estaria baseada no bel-canto ou ainda se poderíamos negar as manifestações de sonoridade que vão contra a “boa maneira de cantar”.

De acordo com Smith (2000) o canto coral é caracterizado pela harmonização de vozes e a sua sonoridade depende do estilo musical, assim como do repertório pretendidos. A partir de minha experiência com trabalhos em coros amadores, e por meio da convivência com outros profissionais regentes que atuam em grupos desta natureza, foi possível notar que existem vários caminhos para construção da sonoridade de um grupo coral. A diversidade das vozes, a variedade de estilos musicais de repertório que um mesmo grupo pode apresentar, e até mesmo o gestual do regente são variantes de como pode ser ampla a conduta de tratamento do som de um coro.

Nos coros profissionais a presença pianista correpetidor, preparador vocal, chefe de naipe, fonoaudiólogo e preparador corporal é mais recorrente, pois os subsídios financeiros favorecerem a possibilidade de ter esses profissionais para dar assistência e/ou atuar em conjunto com o regente. Em contrapartida, nos coros amadores brasileiros não temos este mesmo panorama. É comum entre os grupos desta natureza que o regente seja o único profissional presente (Herr, 1998; Fernandes et al., 2009). Desta forma, ele teria a missão de proporcionar oportunidades singulares de novos conhecimentos ligados ao canto, estimulando a consciência de que é possível executar música vocal com qualidade (Fucci Amato, 2006). Tal

questão nos instiga a compreender as estratégias de atuação destes regentes.

Observamos que as pessoas que se aproximam para cantar em um coro amador têm os mais diversos motivos, como por exemplo, a busca do prazer, bem-estar ou ainda para fazer deste momento uma “terapia” para sua vida, conforme demonstrado por Ribeiro e Hanayama (2005), que cantar está em um dos três fatores mais importantes da vida de um coralista. Um coro amador também pode sugerir a possibilidade de realização pessoal e artística, visto que por vezes essa é a única forma de acesso a experiências musicais e bens culturais. Outro fator a considerar é o alto custo das aulas de canto e a escassez de profissionais habilitados desta área em algumas regiões do país, o que destaca a atividade coral como alternativa. Brandvik (1993) afirmou que 95% dos coralistas não estudam canto com um professor particular, o que levou o autor a concluir que o preparo vocal desses milhões de cantores corais está nas mãos de seus regentes.

A questão da sonoridade de um coro é polêmica, uma vez que os objetivos podem ser diferentes, pela larga gama de opiniões a respeito da forma de se construir e preferir a sonoridade. A exemplo disso, Swan (1988) aponta que se o som pode ser mudado à vontade, comenta o autor que nas mãos de um artista mudanças interpretativas precisam acontecer ao ponto que Brahms e Palestrina não soem iguais (estes compositores são de períodos e estilos bem distintos). Entretanto, reserva que com cantores amadores iniciantes seria impossível obter uma ampla faixa de variação sonora na medida em que o coro muda de uma peça a outra.

Mediante o exposto, esta pesquisa teve como proposta verificar quais são as estratégias que um grupo de regentes de coro amador utiliza para construção da sonoridade de seu coro. Essa investigação poderá fornecer a regentes, coralistas, preparadores vocais, otorrinolaringologista, fonoaudiólogos, professores de canto, entre outros, importantes reflexões sobre a temática do cantar em coro e assim, consequentemente, impulsionar o repensar das atribuições e práticas do ensino e da atividade da produção da voz cantada coral.

2. Objetivo

O objetivo da pesquisa foi verificar quais são as estratégias utilizadas por um grupo de regentes de coro amador para a construção da sonoridade de seus coros.

3. Revisão de literatura

A revisão de literatura foi estruturada com temas relacionados ao coro amador, ao regente coral e à sonoridade coral. Optou-se por não seguir uma ordem cronológica e privilegiar a organização dos autores por assunto.

O estudo de Loiola e Ferreira (2010) teve o objetivo de verificar os efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica com base na prática educativa. Para isso foi realizada uma avaliação de fonoaudiólogos, de professores de canto e dos próprios coralistas amadores participantes, além da análise dos parâmetros de respiração, projeção e tessitura vocal na voz cantada. A amostra foi composta por 10 coralistas de um coro amador com média de 40 anos de. A gravação da voz foi coletada individualmente antes e depois da intervenção fonoaudiológica. Nela foram trabalhados exercícios de alongamento, respiração, exercícios vocais, além de questões advindas dos próprios cantores, por seis encontros com uma hora de duração cada. A avaliação dos juízes sobre as amostras coletadas mostrou mudanças significantes em todos os parâmetros, com destaque para a tessitura vocal que teve a maior alteração positiva. Os cantores em sua autoavaliação também relataram melhora em todos os aspectos.

O objetivo da pesquisa de Coelho et al. (2013) foi conhecer a autoimagem, as dificuldades e a presença de sintomas negativos após o canto em coralistas amadores com diferentes classificações vocais, idades e experiência. O estudo contou com a participação de integrantes de cinco corais regidos pelo mesmo profissional, no total foram 125 indivíduos – 95 mulheres e 30 homens, com idades entre 18 e 77 anos. Foi aplicado um questionário com perguntas fechadas que abordavam: dados de identificação; classificação do naipe; informações sobre a autoimagem vocal no canto; dificuldades apresentadas na voz cantada; ocorrência ou não de sintomas vocais após o canto e presença ou não de desconforto laríngo-faríngeo. Um dos achados apontou que os adultos apresentaram melhor intensidade vocal e timbre claro em relação aos jovens, e que um número significativamente maior de jovens considerou seu timbre de voz adequado em comparação aos adultos. Outro ponto de destaque foi no fator experiência no canto, no qual foi observado que os cantores menos experientes tiveram mais percepção de voz rouca e maior referência de ocorrência de rouquidão do que os cantores mais experientes.

Marchand, Kavaliunas e Cassol (2017) realizaram um estudo para avaliar a

efetividade do protocolo *Evaluation of the Ability to Sing Easily for Brasil* (EASE-BR) no desenvolvimento de um programa de aquecimento vocal para membros de um coro amador. Este protocolo possui questões com descritores relacionados à fadiga, limitação vocal e de aspectos positivos. Responderam o protocolo 48 integrantes de um coro amador antes e depois do ensaio em duas situações diferentes: uma na qual foi realizado o aquecimento habitual do coro de cinco minutos e na segunda situação onde acontece uma intervenção com um aquecimento customizado por dois fonoaudiólogos com experiência na área de voz e baseado nos problemas que foram reportados na fase antes da intervenção. Como resultado o aquecimento customizado de 20 minutos foi mais efetivo que o aquecimento da primeira situação com menos tempo e menos técnicas. Dos itens avaliados pelo protocolo EASE-BR antes da intervenção 72.7% tiveram melhora estatisticamente significativa.

Em paralelo às questões referentes ao coro amador levantamos alguns pontos inerentes a qualificação e formação dos profissionais da prática coral. Oliveira e Oliveira (2005) afirmaram que para dirigir coros é preciso ter conhecimento teórico, de solfejo, das principais gramáticas musicais, ao menos harmonia e contraponto, além de boa percepção para música e musicalidade.

No entanto, para Rocha (2004) a habilidade musical não é o único requisito para a formação de um bom regente. Um conjunto de conhecimentos e habilidades é necessário para exercer a profissão. A liderança, o talento musical e a aptidão física são bagagens individuais fundamentais. Enquanto a formação musical e a formação intelectual, assim como conceitos administrativos, psicológicos, políticos, pedagógicos, filosóficos entre outros seriam domínios a serem adquiridos. Segundo o autor, as habilidades essenciais para a direção de grupos musicais são: autoridade pessoal, autodomínio, clareza de objetivos e de expressão de pensamento, capacidade de planejamento e mobilização, empatia, poder de argumentação e sentido de reconhecimento.

Para Fucci Amato (2007) nas práticas corais com indivíduos sem prévio conhecimento musical, o coro cumpre a função de única escola de música para a maioria de seus participantes. Desta forma, os regentes acabam por desenvolver diversos trabalhos de educação musical, tais como conceitos históricos, sociais, técnicos musicais e de consciência musical para que os resultados esperados sejam alcançados. Algumas ferramentas podem contribuir para o processo de

ensino/aprendizagem musical dentro do canto coral:

- Inteligência vocal – noções de fisiologia, saúde vocal e exercícios de propriocepção muscular;
- Consciência respiratória – conhecimentos específicos sobre o aparelho respiratório e suas manobras para a voz cantada, com exercícios práticos;
- Consciência auditiva – estudo e prática de técnicas de afinação, unidade, consciência tonal e rítmica;
- Prática de interpretação – correção de dificuldades vocais em passagens difíceis da música, entender estilos e períodos musicais;
- Produção vocal em várias formações – octetos e outras variações formadas pelos próprios integrantes do coro a fim de desenvolver uma maior percepção das dificuldades e características individuais e dos outros coralistas;
- Recursos audiovisuais – análise, comparação e discussão da interpretação vocal de outros corais, avaliar o próprio trabalho desenvolvido;
- Apresentação de pesquisas e debates – trabalho para desenvolvimento do senso crítico do coralista em relação a conceitos musicais.

Segundo Fucci Amato (2008) o ofício da regência coral requer um conjunto de habilidades inter-relacionadas referentes não somente ao preparo técnico-musical, mas também a saberes interdisciplinares educacionais, fonoaudiológicos, históricos, entre outros. Em sua pesquisa sobre formação e atuação dos regentes, fez um recorte analítico das principais habilidades extramusicais demandadas para o trabalho de direção de coros. A amostra foi composta por 19 alunos de do bacharelado de uma faculdade de música, sendo sete do curso de regência e 12 da prática coral. Todos responderam um questionário sobre relevância das habilidades organizacional-administrativas por parte do regente. Nos resultados as três habilidades que alcançaram as maiores médias foram saber: comunicar, saber agir e saber liderar. Essas três habilidades estão relacionadas a uma gestão que envolva os coralistas em um processo democrático e transparente. Chama atenção a habilidade “saber comunicar”, que faz menção ao processo comunicativo relacionado à *performance*. Segundo a autora esta habilidade expressa o desejo de ter um regente competente tecnicamente, que os faça sentir seguros, e que possa transmitir com clareza e precisão, por meio da comunicação visual e/ou sonora, as ações que devem acontecer no momento da interpretação da peça musical.

Em concordância a este aspecto de competência, Sobreira (2013) pontua que a formação pedagógica promove o crescimento artístico do regente e aumenta assim, a contribuição que esse profissional pode oferecer ao coro. As ações didáticas são indispensáveis antes do momento de regência propriamente dita, para que essas possam estimular a leitura musical, a técnica vocal, assim como as questões referentes ao estilo e à forma musical. Para muitos integrantes o regente é o único exemplo musical que possuem, dessa maneira o têm como referência de escuta e aprendizado musical. Conforme comenta Pfaustch: *“Possuir habilidades didáticas capacita o regente para melhor esculpir a sonoridade coral que deseja e estudou para alcançar. Mesmo que seja um coro iniciante ou coro amador.”* (Pfaustch, 1988, p. 12).

A pesquisa de Rehder e Behlau (2008) teve como objetivo traçar o perfil vocal de regentes corais do Estado de São Paulo. A amostra foi composta por 150 regentes que responderam a um questionário fechado que abordava questões relacionadas à: composição e organização dos coros; faixa etária; sexo; tipo (amador ou profissional); caracterização pessoal do regente; procedimentos de atuação, entre outras. Embora a entrevista tenha sido realizada com 150 sujeitos, uma parte deste contingente regia mais de um grupo, o que possibilitou ter informações sobre mais de 281 corais do Estado de São Paulo. Os resultados apontaram que 275 (97,9%) destes grupos são corais amadores e 96.1% misto, com homens e mulheres. Entre os dados coletados a respeito dos regentes destaca-se a informação de que o piano e a própria voz do regente foram os recursos mais apontados para afinação do coral, e 146 (97,3%) dos entrevistados responderam que cantam junto ao naipe, ou seja, utilizam a sua própria voz como referência e suporte nos ensaios.

Referente ao trabalho da sonoridade nos coros, no estudo de Martins e Santos Junior (2016) o foco foi o uso do gesto como auxílio na afinação e na sonoridade. A amostra de 45 voluntários foi dividida em dois grupos, 30 sujeitos constituíram o grupo amador e 15 o leigo. Os dois grupos realizaram a mesma sequência de vocalizes em dois momentos distintos, um sem uso do gesto e outro com gestos que buscavam integrar corpo e voz. Um protocolo de voz criado pelos autores da pesquisa foi aplicado antes e depois das sequências dos vocalizes. O estudo apresentou resultados positivos tanto para o grupo amador como para o grupo leigo, contudo, destaca-se a propriocepção do grupo amador, no qual 100% percebeu melhora no uso do gesto que integrou corpo e voz. No grupo leigo 67% apontaram que a

percepção corporal interferiu na vocalização, enquanto 96% do grupo amador percebeu a voz mais afinada.

Para Fernandes (2009) conseguir uma sonoridade adequada na interpretação coral exige do regente e dos coralistas domínio da técnica vocal. O coro corresponderá às exigências da obra se estiver habilitado para exercer as mais diversas “cores sonoras” e souber desenvolver um amplo espectro de dinâmicas e nuances vocais. O autor reconhece que há divergências entre os regentes a respeito da importância da técnica vocal, e que muitos não se sentem à vontade para lidar com ela. Para alguns a técnica vocal se limitaria a exercícios de aquecimento, para outros, exercícios ou métodos deliberados aprendidos em determinada escola de canto e utilizados sem discernimento da sua real contribuição. Entretanto, se o regente é, em geral, o primeiro e único professor de canto dos cantores do seu grupo é fundamental que ele tenha conhecimento e intimidade com a técnica vocal, assim como ele possui técnica de regência e seu conhecimento musical geral:

[...]a tarefa do regente coral moderno de interpretar uma obra e “traduzi-la” para seu público depende, entre outros aspectos, de seu conhecimento vocal e de sua capacidade de atuar como o “professor de canto” de seu coro. O som coral precisa ser construído de forma saudável, produtiva e responsável, e em geral, os cantores não possuem conhecimento necessário para tal. (Fernandes, 2009, p. 217).

Segundo Figueiredo (2010) a sonoridade de um coro é um ideal e uma busca do regente. O condutor, quando bem habilitado tecnicamente, pode lidar com uma série de situações complexas de técnica vocal em prol deste ideal, o problema é que ele nem sempre está apto para favorecer este caminho. Ter um profissional específico para conduzir a técnica vocal, pode ser uma boa alternativa para se obter resultados técnicos funcionais, mas, por outro lado, pode haver dificuldade na sintonia desse profissional com o regente. Uma ideia inicial seria o professor de técnica vocal ser uma pessoa integrada ao grupo como cantor ou cantora, e que ele pudesse fazer colocações no decorrer do ensaio e não somente em determinado momento, como no aquecimento no início do ensaio, por exemplo. Porém, esta dinâmica de interrupção poderia se tornar complicada dentro do ensaio no qual o regente tem uma aparente prioridade. Sobre isso o autor coloca:

Não é fácil conseguir o meio termo ideal. Pode haver, ainda o perigo que o professor de técnica vocal acabe adentrando aspectos interpretativos, tentando conduzir o ensaio em direção as suas próprias ideias. Há o risco, por outro lado, de que o regente venha a dar informações que contradigam a linha que está sendo desenvolvida pelo professor de técnica vocal. Uma questão sutil, nesse aspecto, está no gestual utilizado pelo regente, que

influencia decisivamente no resultado sonoro do grupo. (Figueiredo, 2010, p.12).

A pesquisa de Fernandes e Kayama (2011) sobre prática e sonoridade nos diversos estilos de música coral no século XX destacou que duas características foram acrescentadas ao coro neste período: a noção aprimorada de grupo coral como instituição organizada e uma maior preocupação estética com sua sonoridade. Por meio de uma investigação bibliográfica apontaram as características composicionais mais presentes na música coral do século XX, e ressaltaram como imprescindível a atenção à qualidade sonora, ao vibrato e à afinação para a *performance* estar de acordo com tais características. A habilidade de manipular diferentes “cores sonoras”, prevalentes na música deste período, deveria ser treinada junto aos coralistas separadamente antes de executar a peça musical. A cobertura da voz, a utilização de vogais misturadas, sons sem vibrato e a manipulação da posição do palato mole e da língua seriam recursos técnicos utilizados para descrever diferentes formas de se atingir a habilidade de mudança da sonoridade vocal. Os autores destacaram também que para a *performance* de obras modernas e contemporâneas de estilos distintos, os coralistas precisam desenvolver uma flexibilidade vocal eficiente que os tornem capazes de fazer rápidas modificações no “peso” e no foco da voz.

O termo apoio respiratório é recorrente na prática do canto e do canto coral. Sobre essa temática Gava Júnior, Ferreira e Andrada e Silva (2010) analisaram em sua pesquisa a definição do termo apoio respiratório, as estratégias de trabalho e os benefícios de sua aplicação sobre a perspectiva de professores de canto e de fonoaudiólogos. O pesquisador entrevistou seis sujeitos, três professores de canto e três fonoaudiólogos, todos com vasta experiência na área. Os resultados da entrevista audiogravada apontaram que o apoio respiratório exerce relação entre o diafragma e a musculatura intercostal. O estímulo a propriocepção apareceu como uma das estratégias em comum entre professores de canto e fonoaudiólogos. Em relação aos benefícios, o alívio de tensões laríngeas foi colocado pelos dois grupos de profissionais. Chama a atenção que os três professores de canto apontam que apoio e respiração geram uma ação benéfica geral e melhoram a emissão cantada, este aspecto foi apontado por apenas um fonoaudiólogo.

4. Método

4.1 Preceitos éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob o número de protocolo CAEE 63401616.0.0000.5482 (Anexo 1). Todos os sujeitos voluntários da pesquisa concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2) ao fazerem o aceite na primeira tela da pesquisa *on-line*.

4.2 Seleção da amostra

A amostra selecionada foi do tipo não probabilística por conveniência, na qual os primeiros convidados faziam parte do relacionamento pessoal da pesquisadora, já que não existem registros a respeito do número de corais e regentes existentes no Brasil. A seguir, aplicou-se a técnica de *snowball sampling*. Segundo Sanchez e Nappo (2002) a técnica “bola de neve” é utilizada em pesquisas sociais, em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes, e assim sucessivamente.

Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos; ter experiência mínima de dois anos como regente de coro amador; ser regente de coro amador adulto cujos cantores não recebiam subsídios financeiros e estar por pelo menos há seis meses à frente de um coro amador.

No total foram convidados 110 regentes para participar da pesquisa, 44 não responderam ao convite. Dos 66 sujeitos que aceitaram participar voluntariamente, um regente foi eliminado pois estava fora dos critérios de inclusão uma vez que sua atuação era com coro infantil. A amostra foi finalizada com 65 sujeitos, 38 do sexo masculino e 27 do feminino, com média de idade de 42.2 anos ($dp=11.0$), mediana de 41.4 e variação entre 20.8 a 69.8 anos.

4.3 Instrumento

Para coleta dos dados foi elaborado um questionário com questões fechadas e abertas, com base na experiência profissional da pesquisadora, com a supervisão de

sua orientadora e com base na literatura (Figueiredo, 2010; Smith e Sataloff, 2013). (Anexo 3).

A fim de testar a clareza dos enunciados, a ordem e a relevância das questões, assim como o tempo médio para resposta do questionário foram realizados três estudos pilotos. O questionário ficou com uma linguagem clara e acessível para ser preenchido. A média de tempo para responder ficou entre 15 e 20 minutos.

O questionário foi enviado para um profissional de estatística para adequação da formatação antes de ser colocado na plataforma *Google Formulários* e disponibilizado *on-line*. O instrumento foi dividido em três partes:

A - Identificação e caracterização da amostra: iniciais do nome, idade, tempo de experiência profissional, formação profissional, local de atuação;

B - Caracterização do coro amador analisado: quantidade de cantores, média de idade, tempo de existência do coro, gênero musical, profissionais envolvidos, forma de ingresso dos integrantes;

C - Investigação a respeito da sonoridade do coro: formas de atuação do regente, condutas e dificuldades, influência de outros profissionais, aspectos de repertório.

4.4 Procedimentos

Os sujeitos que apresentavam o perfil da pesquisa recebiam por *e-mail* um *link* com o endereço *on-line* do questionário. Ao acessar encontravam a carta convite (Anexo 4). Após o aceite, os participantes eram direcionados para a tela seguinte com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo 2). Na sequência, seguiam ao roteiro para preenchimento do questionário (Anexo 5), e por fim, o questionário (Anexo 3).

Todas as questões foram formatadas na plataforma *Google Formulários* como obrigatórias, ou seja, não havia a possibilidade de avançar se a questão não fosse respondida. Na parte inferior da janela da plataforma era possível visualizar a barra de *status* de preenchimento. Ao final os participantes recebiam uma mensagem de confirmação de envio. O questionário ficou disponível *on-line* por 60 dias, de 22/08/2017 a 22/10/2017.

4.5 Análise de dados

As respostas do questionário foram exportadas para o programa *Excel*. As questões fechadas foram tabuladas e passaram por análise estatística. As questões abertas “*Como você trabalha a sonoridade deste coro?*” e “*Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?*” da parte C do questionário, foram analisadas, agrupadas por assunto formando 5 categorias (quadro 1) e enviadas a estatística.

As duas questões referidas foram consideradas para categorização por serem o eixo da pesquisa. A cada sujeito liam-se as duas respostas, repetidas vezes para a determinação dos temas que mais se repetiam. Na sequência foi feita a análise de como esses temas poderiam ser agrupados por proximidade. Por conseguinte, tivemos na categoria 1 - aspectos técnicos. Na categoria 2 - aspectos relacionados à interpretação. Na categoria 3 - aspectos relacionados à percepção musical e experiência. Na categoria 4 - aspectos relacionados à voz-corpo-respiração, e na categoria 5 foram agrupadas outras respostas que não se adequavam às categorias estabelecidas.

Categoria 1	Aspectos técnicos: vocalizes; técnica vocal; aquecimento e ressonância.
Categoria 2	Aspectos relacionados a interpretação: dinâmica; timbre; interpretação e homogeneidade
Categoria 3	Aspectos relacionados à percepção musical e experiência: escuta; percepção; musicalidade; auto percepção e experiência individual.
Categoria 4	Aspectos relacionados ao corpo e respiração: exercícios de respiração; apoio; conceito de respiração; movimentação corporal; preparação corporal, alongamento.
Categoria 5	Outros, como por exemplo: cantando; na prática; sons da natureza; de acordo com a música; <i>Belting</i> contemporâneo

Quadro 1 - Categorias das questões: “Como você trabalha a sonoridade deste coro?” E “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?”

Fonte: Autoria própria.

Foi realizada uma análise estatística descritiva por meio de frequências absolutas e relativas. Nas análises de associação foram utilizados o teste do Qui-quadrado ou teste Exato de Fisher. Os dados digitados em Excel foram analisados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.0 para Windows.

5. Resultados

Foram avaliadas as respostas de 65 regentes, 58.5% do sexo masculino e 41.5% do feminino. Quanto à formação profissional 67.7% tinham graduação e a maioria (64.6%) apresentava dez anos ou mais de regência (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição da amostra de regentes (n) e (%) segundo o sexo, a formação profissional, o tempo de atuação como regente e estado de atuação (caracterização da amostra).

Variáveis		n	%
Sexo	Masculino	38	58.5
	Feminino	27	41.5
Formação profissional	Graduação	44	67.7
	Outras	21	32.3
Tempo de atuação como regente	1 a 3 anos	4	6.2
	3 a 5 anos	7	10.8
	5 a 7 anos	8	12.3
	7 a 9 anos	4	6.2
	≥ 10 anos	42	64.6
Estado de atuação	AL	1	1.5
	AM	1	1.5
	CE	4	6.2
	GO	1	1.5
	MG	2	3.1
	PR	1	1.5
	RJ	5	7.7
	RO	1	1.5
	RR	1	1.5
	SC	1	1.5
	SP	46	70.8
	TO	1	1.5
	Total	65	100.0

Fonte: Autoria própria

Na Tabela 2 observa-se que 43.1% dos entrevistados regem um coro e 20% cinco ou mais coros. Dos profissionais analisados 67.7% recorrem aos conhecimentos no campo da Fonoaudiologia e/ou da Otorrinolaringologia. Quanto ao grupo regido 27.7% são coros amadores independentes. O período de regência de cinco ou mais

anos mostrou maior percentual (46.2%). A maioria dos coros analisados tinham entre 10 até 20 integrantes (38.5%) seguidos por coros com 20 até 30 integrantes (27.7%). As faixas etárias mais frequentes foram: 31 a 40 anos com 30.8% e 41 a 50 anos com 29.2%.

Tabela 2 - Distribuição de regentes (n) e (%) segundo a quantidade de coros que rege, a utilização de estudos da área da Fonoaudiologia e/ou Otorrinolaringologia, tipo de coro amador, tempo de atuação no coro, quantidade de integrantes e faixa etária dos coralistas.

Variáveis		n	%
Atualmente rege quantos coros amadores	Um	28	43.1
	Dois	14	21.5
	Três	8	12.3
	Quatro	2	3.1
	≥ 5	13	20.0
Na sua atuação você recorre a estudos no campo da Fonoaudiologia e/ou Otorrinolaringologia?	Não	21	32.3
	Sim	44	67.7
O coro amador que escolheu é de:	grupo independente	18	27.7
	Igreja	11	16.9
	Associação	9	13.8
	Escola	7	10.8
	outros*	20	30.8
Você rege esse coro há quanto tempo?	6 meses a 1 ano	9	13.8
	1 a 2 anos	7	10.8
	2 a 3 anos	12	18.5
	3 a 4 anos	3	4.6
	4 a 5 anos	4	6.2
	≥ 5 anos	30	46.2
Quantos integrantes há neste coro?	10 a 20	25	38.5
	20 a 30	18	27.7
	30 a 40	9	13.8
	40 a 50	9	13.8
	≥ 50	4	6.2
Qual as faixas etárias dos coralista deste coro?	20 a 30	16	24.6
	31 a 40	20	30.8
	41 a 50	19	29.2
	51 a 65	7	10.8
	> 65 anos	3	4.6
Total		65	100.0

* Coros de: clube, empresa, centro cultural, maçonaria, hospital, municipal e grupo indígena.

Fonte: autoria própria

Em relação aos gêneros musicais 70.8% dos regentes trabalham com canto popular. Em 60% das respostas os regentes disseram que possuem assistentes, e a maioria (58.5%) dos coros não tem processo de seleção para entrar no grupo. Referente à sonoridade 70.8% dos regentes encontram dificuldade para conseguir a sonoridade desejada e 63.1% acabam mudando o repertório por conta dessa dificuldade, outra informação é que 58.5% destes coros não apresentam um assistente que auxilie na construção da sonoridade (Tabela 3).

Tabela 3 - Distribuição de regentes (n) e (%) segundo estilo de canto, presença de profissionais nos coros, dificuldade para conseguir a sonoridade, influência da sonoridade do coro para o repertório e a presença de outro profissional no auxílio da construção da sonoridade.

Variáveis		n	%
Estilo de canto	Erudito	13	20.0
	Popular	46	70.8
	Erudito e popular	6	9.2
Há outro (s) profissional (is) e/ou assistente(s) da música envolvido(s) no trabalho deste coro?	Não	26	40.0
	Sim	39	60.0
Há seleção para integrar como coralista neste coro?	Não	38	58.5
	Sim	27	41.5
Você encontra alguma dificuldade para conseguir a sonoridade desejada?	Não	19	29.2
	Sim	46	70.8
A sonoridade do seu coro influencia o repertório a ser escolhido?	Não	24	36.9
	Sim	41	63.1
Existe outro profissional que te auxilia na construção da sonoridade do seu coro?	Não	38	58.5
	Sim	27	41.5
Total		65	100.0

Fonte: autoria própria.

Questões relacionadas à formação e conduta do coralista	Questões relacionadas à habilidade e técnica do coralista	Questões relacionadas à problemática dos regentes
▪ Compromisso ▪ Concentração ▪ Dedicação ▪ Disciplina para estudo (6) * ▪ Emissão desleixada ▪ Excesso de outras atividades ▪ Experiência ▪ Falta de atenção ▪ Falta de conhecimento musical ▪ Falta de estudo e percepção musical ▪ Imaturidade vocal ▪ Problemas de saúde que causam indisposição. ▪ Talento ▪ Timbrar ▪ Timidez (falta de disponibilidade de se expor) ▪ Vícios anteriores (3) *	▪ Agudos das sopranos (2) * ▪ Alcance de tom ▪ Colocação da voz ▪ Compreender e praticar as técnicas ▪ Cuidado vocal ▪ Dificuldade vocal ▪ Dificuldades de aprender melodias ▪ Emitir vogais corretas ▪ Falta de estudo de percepção musical ▪ Falta de técnica (2) * ▪ Independência entre as vozes ▪ Preparação vocal do coralista ▪ Reconhecimento de afinação (2) * ▪ Registro ▪ Sensibilidade de escuta ativa	▪ Faixa etária variada (2) * ▪ Falta de ensaio ▪ Idade (2) * ▪ Níveis técnicos variados (2) * ▪ Pouco tempo de ensaio (8) * ▪ Repertório ▪ Repertório muito abrangente ▪ Rotatividade dos coralistas (4) * ▪ Unificar timbre

Quadro 2 - Síntese das respostas das dificuldades apontadas pelos regentes em relação a sonoridade.

(*) Número de vezes que a expressão apareceu.

Tabela 4 - Distribuição das respostas (n) e (%) segundo as categorias formadas a partir das questões “Como você trabalha a sonoridade deste coro?” E “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?”

Categoria	Descrição	n	%
1	Aspectos técnicos: vocalizes; técnica vocal; aquecimento e ressonância	42	42.4
2	Aspectos relacionados a interpretação: dinâmica; timbre; interpretação e homogeneidade	19	19.2
3	Aspectos relacionados à percepção musical e experiência: escuta; percepção; musicalidade; auto percepção, propriocepção e experiência individual.	19	19.2
4	Aspectos relacionados a corpo-respiração: exercícios de respiração; apoio; conceito de respiração; movimentação corporal; preparação corporal, alongamento.	10	10.1
5	Outros: cantando; na prática; sons da natureza; de acordo com a música; <i>belting</i> contemporâneo.	9	9.1
Total		99	100

Tabela 5 - Distribuição de regentes (n) e (%) segundo categorias e combinações extraídas das questões: “Como você trabalha a sonoridade deste coro?” E “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?”.

Categoria	N	%
1	18	27.7
2	6	9.2
3	3	4.6
4	1	1.5
5	9	13.8
1 + 2	6	9.2
1 + 3	9	13.8
1 + 4	5	7.7
2 + 3	2	3.1
2 + 4	1	1.5
3 + 4	1	1.5
1 + 2 + 3	2	3.1
1 + 2 + 3 + 4	2	3.1
Total	65	100

Tabela 6 - Distribuição de regentes (n) e (%) por extraídas das questões: “Como você trabalha a sonoridade deste coro?” E “Como você construiu essa forma de trabalho com a sonoridade?”.

Quantidade de categorias	N	%
Uma	37	56.9
Duas	24	36.9
Três	2	3.1
Quatro	2	3.1
Total	65	100

6. Discussão

O foco dessa pesquisa foi a sonoridade no canto coral amador, tema esse constantemente presente em minha vida musical desde os estudos do conservatório, passando pela graduação e depois, nos meus 18 anos de vida profissional principalmente. Logo, experiências diversas tingiram o meu pensamento sobre o tema considerando três perspectivas: minha experiência enquanto coralista, a sonoridade que nascia de cada grupo em que atuei, e como era conduzida por cada regente adequando-se aos gêneros musicais, e até mesmo ao estilo do regente; a oportunidade de trabalhar com grupos corais de igreja, empresas, escolas de música, clubes, centros culturais, grupos infantis e juvenis, terceira idade e atualmente com um grupo independente, que evidenciou o meu interesse nessas sonoridades múltiplas; e por último, interpõe-se a perspectiva da ouvinte e apreciadora da música coral.

Deste panorama aponto uma questão fundamental para reflexão que iniciaremos: cada grupo tem um som diferente. Cada coro tem a sua própria sonoridade e isso é anterior até mesmo do repertório. Isso é possível perceber até mesmo em um simples exercício de escala ou vocalize, que mesmo quando aplicados da mesma forma em grupos com características semelhantes, podem soar completamente diferente. As particularidades de cada indivíduo, musicais e culturais, são enormes e consequentemente um agrupamento de pessoas com esses distintos contextos socioculturais irão influenciar nessa sonoridade.

A voz de cada indivíduo é sua impressão digital, a sonoridade de cada um, que muda com seu estado emocional, com o clima, com seu estado de saúde geral, além de carregar toda sua herança genética, familiar, social e cultural. Nossa sonoridade é construída por meio de nossas vivências corporais e musicais e vão se modificar ao longo da vida com as trocas e experiências. A voz é flexível, muitas vezes indomável e incompreensível, pode emitir sonoridades que nos surpreendem, ainda mais quando somadas a outras vozes (Andrada e Silva e Duprat, 2014; Andrada e Silva et al, 2015).

A figura do regente possui a particular função de conduzir o caminho de construção da sonoridade do seu coro. Conforme vimos na literatura (Fernandes 2009 e Fernandes e Kayama, 2011) tal condução pode acontecer por adequação técnica, conceitual ou de estilo musical. Vale destacar que os regentes podem ter diferentes

formações, mas que mesmo com essas variações serão sempre eles os centralizadores na condução e responsabilidade no desenvolvimento do trabalho vocal do coro.

Temos uma realidade nacional, na qual é possível encontrarmos regentes profissionais que fazem carreira em corais amadores exclusivamente. Muitas vezes isso acontece independentemente do mérito ou não do regente, mas sim, por questão de oportunidade, desta forma, podemos encontrar um excelente regente que nunca atuou com um coral profissional (Sobreira, 2013). A linguagem coral amadora, como difusão, troca e resistência tem forte dependência dos Encontros Corais, visto que a música coral não está muito presente nas mídias de massa, raramente nos deparamos com um coro na TV ou nas rádios (Fucci Amato, 2008). As salas de concerto, por sua vez, recebem os grupos profissionais, em sua maioria. Sendo assim, estes encontros articulados entre os corais amadores são fundamentais para a prática e apreciação coral, o que torna esse lugar um importante momento de vivência e laboratório musical para os coralistas e regentes.

Com o passar do tempo, a prática coral me instigou gradativamente a buscar maior entendimento sobre a relação do corpo e som no controle de diferentes texturas sonoras. A movimentação de palato e a emissão das vogais são exemplos de recursos utilizados por regentes para conseguir homogeneidade ou variar estilos musicais (Fernandes e Kayama 2011). Minha aproximação da Fonoaudiologia, que iniciou em uma especialização em voz, veio ao encontro desta e de outras reflexões correlatas, pela possibilidade de estudar, interagir e discutir, junto aos fonoaudiólogos e uma equipe multidisciplinar de otorrinolaringologistas, fisioterapeutas e educadores físicos, os anseios de uma turma de profissionais da voz como cantores, atores, regentes, comunicadores, entre outros. Todos a seu modo, buscavam elucidar o que se aplicava e implicava à sonoridade. Novas perspectivas se abriram, principalmente nos aspectos fisiológicos, sobre a concepção e a experiência de voz que cada um tem, ou seja, como a voz reflete em cada um. Dessa forma, foi possível também, compreender como a Fonoaudiologia trata os casos no foco de habilitação e de reabilitação e nos estudos científicos.

Esse novo prisma dado pelas ciências da saúde proporcionou um equilíbrio à minha formação musical e vida profissional e me trouxe até ao Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia, um programa disponível em receber pesquisas da área artística. Os campos de conhecimentos das áreas de motricidade orofacial,

linguagem, psicanálise e toda a precisão anatomofisiológica dos estudos sobre a voz, trouxeram profundidade as reflexões sobre a voz cantada, e sobre a sonoridade coletiva.

Os resultados desta pesquisa na amostra analisada dos regentes (Tabela 1) demonstra que 58.5% são do sexo masculino e 41.5% do feminino, 67.7% possui graduação e 64.6% possuem mais de 10 anos de experiência com regência coral. Referente à região de atuação, a maioria (70.8%) estão concentrados no estado de São Paulo, onde temos a cidade com a maior população do país, e onde vive a pesquisadora, esses aspectos podem justificar tal número.

Na Tabela 2 seguimos com a caracterização da amostra, na qual a maioria dos regentes (43.1%) no momento da pesquisa regia apenas um coro amador, porém, também nos chama a atenção o número de regentes que atuavam em mais de cinco coros (20%). Referente à escolha do grupo para ser base para as respostas da pesquisa, 30.8% foram grupos diversos (clube, empresa, centro cultural, maçonaria, hospital, grupo indígena, entre outros), seguido por 27.7% de grupos independentes. A maioria dos regentes (46.2%) estavam há mais de cinco anos no grupo escolhido e 38.5% dos grupos tinham de 10 a 20 integrantes.

Se considerarmos as múltiplas demandas de um coral, por vezes supridas apenas pelo regente é compreensível o dado da maioria reger um grupo só. Porém, os dados da Tabela 2, de outra forma nos indicam que a música coral amadora tem tomado espaços diversos. Neste ponto ainda precisamos considerar, que há casos que a remuneração do regente de coro amador é incompatível com a sua função, o que fortaleceria o fato da necessidade de atuar em múltiplos grupos para complementar a sua renda.

Em relação a faixa etária dos coralistas (Tabela 2), apesar da presença do público mais jovem de 20 a 30 anos com 24.6%, as faixas etárias mais recorrentes são as de 31 a 40 anos (30.8%) e 41 a 50 anos (29.2%), provavelmente por serem estas as faixas de maior atividade profissional, posterior aos estudos de graduação, na qual a busca por atividades culturais, de lazer e qualidade de vida são ampliadas.

Vale destacar que quando perguntamos sobre recorrer ou não a estudos no campo da Fonoaudiologia e/ou Otorrinolaringologia na atuação profissional (Tabela 2), 67.7% dos regentes disseram que utilizam. Embora nesta pesquisa não tenha sido feito um aprofundamento nessa questão, esse achado vai ao encontro da pesquisa de Fucci Amato (2008) que afirma que saberes interdisciplinares, inclusive os

fonaudiológicos devem fazer parte do conjunto de habilidades do ofício da regência. Fica cada vez mais evidente que no campo da voz quando o foco é o trabalho com o cantor, um trabalho interdisciplinar só tem a agregar. Referente ao gênero musical os resultados demonstram que 70.8% dos sujeitos pesquisados utilizam gênero popular em seus grupos (Tabela 3). Esse dado pode estar relacionado ao fato do canto erudito não ser tão comum em nosso contexto cultural. Outro ponto é que o canto erudito tem uma exigência técnica específica, muitos anos de estudo e por vezes pode estar associado ao virtuosismo (Sanchez Escamez; Guimarães Silva; Andrada e Silva, 2017). Por outro lado, o canto popular, a priori não possui rigor técnico e é reconhecido pela difusão de arranjos de canções muitas vezes familiares e atraentes na atividade coral amadora.

De qualquer forma, independentemente do coro ser popular, erudito ou ter um repertório variado, poderíamos atribuir como um dos pontos importantes sobre a questão da concepção da sonoridade, a forma que o regente constitui o seu grupo ou ingressa seus coralistas. Uma suposta seleção de perfil e habilidade vocal poderiam ser aspectos facilitadores neste processo. No entanto, os resultados nos mostram que a maioria (58.5%) dos regentes não fazem seleção para admissão de integrantes do seu coro (Tabela 3). Notadamente, é preciso considerar muitas vezes que o contexto da atividade coral é prioritário ao regente em determinar formas de seleção para o ingresso. Em coros de empresas ou clubes, por exemplo, o acesso livre é frequentemente critério estipulado pela Instituição (Fucci Amato, 2008). Um grupo formado sem seleção é uma caixa de surpresa para o regente, pode apresentar grandes desníveis, situações individuais mais difíceis de serem resolvidas naquele espaço e que podem refletir na sonoridade coletiva.

Há também a realidade de muitos grupos independentes, cujo desafio em manter seus integrantes é complexo. Certamente não estabelecer critérios para seleção tornaria o processo mais democrático e agregador, valorizando questões socioculturais importantes nesta prática. No entanto, há casos que a seleção é importante, como por exemplo, nos grupos estabelecidos há décadas, que mesmo amadores são grandes referências da linguagem coral e, por vezes, possuem programa e agenda anual para cumprir. Nestes casos a percepção auditiva, a saúde vocal, a afinação precisa e a leitura musical podem ser exigidos.

Após a caracterização da amostra, avançamos para a questão que norteia o principal foco desse trabalho, a sonoridade. Nos chamou a atenção que 70,8% dos

regentes afirmaram ter dificuldades para construir a sonoridade do seu grupo (Tabela 3). Extraímos das informações trazidas pelos regentes que essas dificuldades podem ser agrupadas em três blocos: questões relacionadas à formação e conduta do coralista; questões relacionadas à habilidade e a técnica do coralista; questões relacionadas às problemáticas enfrentadas pelos regentes (Quadro 1). As duas primeiras colunas, as quais concentram a maioria das respostas, fazem menção específica aos integrantes dos coros e demonstram, de forma geral, falta ou pouca experiência dos coralistas na atividade coral, conhecimento musical e/ou da voz. Essas informações estariam de acordo com Fucci Amato (2007) que refere as práticas corais cumprindo a função de escola música para muitos dos seus participantes. No terceiro bloco encontramos a problemática apontada pelos regentes como: faixa etária heterogênea, variação de nível técnico dos integrantes, repertório muito abrangente, muita rotatividade e pouco tempo de ensaio.

Podemos pensar no panorama de uma maioria de coros sem seleção de seus coralistas, que resultam em grupos com diferentes níveis de habilidade à uma provável dificuldade de obtenção de uma sonoridade desejada (Tabela 3). O repertório também aparece neste contexto, quanto temos expresso por 63.1% dos regentes que a sonoridade do seu coro influencia o repertório a ser escolhido (Tabela 3). Como também, o repertório muito abrangente aparece nas dificuldades apontadas pelos regentes para a construção da sonoridade (Quadro 2).

Ao escolher o repertório, o regente deve considerar que os perfis e habilidades técnicas dos coralistas são diversificados, bem como seus contextos socioculturais. No entanto, essa escolha também possui fator educativo, na inserção de obras fundamentais ao aprendizado coral (Fucci Amato, 2007). Também é determinante ponderar aquilo que pode ser executado efetivamente sem desconsiderar as propostas de repertório que partem do próprio grupo. O equilíbrio entre a formação elementar da linguagem coral e o contexto sociocultural de seus participantes é algo pretendido pelo regente. Em alguns coros que passei utilizei um repertório bastante comum para grupos iniciantes, como cânones e canções folclóricas a uma ou duas vozes e obtive a médio prazo um envolvimento do grupo e uma sonoridade satisfatória. Em outros grupos, não tive o mesmo envolvimento, o coro correspondeu melhor com canções populares mais conhecidas por eles, e posteriormente, mostraram-se mais confiantes e disponíveis para percorrer repertórios mais tradicionais. É essencial que o regente encontre espaços para gerar esse equilíbrio, e

assim, possa ser bem-sucedido na construção da sonoridade desejada para o coro.

Em relação ao tema central desta pesquisa, a construção da sonoridade, podemos observar na Tabela 4 que das cinco categorias que agrupam as respostas, a categoria 1, que se refere aos aspectos técnicos: vocalizes, técnica vocal, aquecimento e ressonância, aparece destacada com 42.4%. Percebe-se que outros autores, como por exemplo, Fernandes (2009) também tem no domínio técnico um caminho para se alcançar uma sonoridade adequada. Por outro lado, Figueiredo (2010) pondera que a técnica vocal pode sim estar em prol da sonoridade, mas quando um condutor habilitado possa viabilizar este caminho. Por este ângulo Fernandes (2009) ressalva que pode existir divergências entre os regentes para compreender o que envolveria a técnica vocal, o autor afirma que para alguns poderia significar vocalizes deliberados ou se limitar ao aquecimento.

Técnica vocal é um conceito abrangente, que envolve desde as coordenações elementares até as mais complexas. Seu domínio depende do empenho de cada indivíduo, do seu histórico pessoal, pré-disposição e obviamente do objetivo a ser alcançado. Sua aplicação deve ser feita com zelo e cuidado para que no final do processo o cantor possa se sentir habilitado a melhorar a sua *performance*. É recorrente a referência da técnica vocal com o desenvolvimento positivo da voz, como ferramenta disponível ao regente para melhorar a voz do coralista em prol do benefício da sonoridade coletiva. Porém, para ter segurança neste aspecto, o regente precisa ter estudado e praticado a técnica vocal em algum momento da vida, de forma a ter conhecimento e comando do seu próprio corpo, e assim gerar uma transferência genuína ao seu grupo (Fernandes, 2009).

Lembro-me que durante a graduação na música o estudo neste campo foi muito sutil, posteriormente, mediante cursos de aprimoramento e especialização, estudos práticos e inclusive com a minha aproximação à Fonoaudiologia obtive mais clareza de como atuar profissionalmente nesta área. Considerando que a formação artística é contínua, torna-se fundamental lembrar que a sua construção depende de um repertório pessoal de vivências e escutas. É comum no início da carreira de um regente passar por uma repetição de padrão, no qual reproduzimos o que experienciamos nos coros que passamos, por vezes sem discernimento e nitidez em nossas atitudes. Sobre este aspecto temos um comentário que reflete essa questão da técnica vocal: *“Trabalho a técnica vocal voltada para o canto em conjunto, além do trabalho de estimular a escuta dos outros colegas de naipe. Construí essa forma de*

trabalho primeiro trazendo as informações de técnica vocal que eu venho obtendo, e com exercícios que vivencio nos grupos semiprofissionais que eu canto” (S3).

Essa colocação nos leva a refletir sobre o que englobaria a técnica vocal voltada para o canto coletivo. Qual seria o diferencial em relação à técnica vocal individual, e ainda se o que vivenciamos em um grupo seria aplicável e efetivo em outro. Nesta direção, Marchant, Kavaliunas e Cassol (2017) nos mostram em sua pesquisa que um aquecimento vocal customizado e adequado para atender os principais problemas reportados pelos coralistas resultou em melhoras na fadiga, na limitação vocal e no reconhecimento de aspectos positivos.

Nesta perspectiva é necessário observar que a técnica vocal não precisa estar atrelada à competência do regente, existem regentes que delegam essa tarefa a um especialista. Obviamente que essa condição se restringe aos grupos que possuem recursos próprios para manter o serviço. Ainda assim, ter um preparador vocal trabalhando em conjunto com o regente pode representar um importante suporte para os coralistas (Figueiredo, 2010). Curioso que 60% dos grupos possuem outros profissionais além do regente, envolvidos no trabalho do coro (instrumentista acompanhador, preparador vocal, regente assistente, chefe de naipe, fonoaudiólogo e diretor cênico), porém, quando perguntamos se existe outro profissional que auxilia na construção da sonoridade, 58.5% dos regentes responderam negativamente (Tabela 3). Esse fator nos leva a crer que mesmo com a presença e apoio de outros profissionais, a sonoridade é um ideal do regente (Figueiredo 2010), que pode envolver efetivamente outros atributos que não apenas a técnica vocal.

Na categoria 2 que engloba aspectos relacionados à interpretação foram alocados: dinâmica, timbre, interpretação e homogeneidade. Essa categoria aparece empatada em segundo lugar com a categoria 3 com 19.2% das respostas, os aspectos de percepção musical e experiência individual formam essa categoria (Tabela 4). Tanto a categoria 2 como a 3 possuem atributos fundamentais para a sonoridade coral. Na dinâmica de funcionamento de um coro é essencial o trabalho de percepção e propriocepção, primordial nos grupos amadores nos quais, por exemplo, o domínio da leitura da partitura não é algo comum entre os coralistas. Escutar a própria voz dentro do seu naipe, afinar com o outro e ouvir o todo, são algumas das tarefas dessa prática que podem se tornar complexas para os iniciantes (Martins e Santos Junior 2016). É comum neste processo o coralista cantar muito alto para poder se ouvir, ou ainda esconder o seu som com receio de estar desafinado, e até mesmo confundir a

sua linha com a do outro naipe² sem perceber (Martins e Santos Junior 2016). Desta forma, exercícios que estimulem a escuta, a concentração e a consciência vocal são de extrema importância. Sobre estes aspectos os regentes emitiram os seguintes comentários:

“...os cantores tinham muitos vícios: cantavam apenas para ouvir a si próprios, 'esquecendo' de prestar a atenção devida à sonoridade do grupo como um todo: delegavam isso ao regente. Cada voz, então, fica diluída dentre todas. Isso determina um comportamento um tanto, digamos, acomodado, por parte dos cantores: acertar a sua linha melódica já é um bom nível a se atingir.” (S26)

E com um foco maior no grupo e na técnica:

“Nos exercícios de aquecimento e técnica vocal primeiramente oriento os coralistas para a autopercepção e num segundo momento os exercícios são voltados a perceber o som do Coro e de cada naipe. Também mudo as pessoas e os naites de lugar, intercalo as vozes e eventualmente o grupo canta se movimentando. Desta forma experimento a composição das vozes e o colorido dos timbres [...] construí esta forma de trabalho com o Coro amador quando observei muitas vezes o regente escolher um repertório em detrimento da capacidade técnica do Coro...” (S 23)

Podemos observar por meio da fala desses sujeitos a clara evidência da importância do trabalho de escuta e percepção. Presumimos que se a técnica vocal está para a melhora individual do coralista, e conseqüentemente do coletivo, os aspectos percepção musical e propriocepção estão em favor da construção da imagem sonora coral. O integrante precisa ter clareza do efeito da sua voz na massa sonora, e ter a escuta atenta e sensível para esse todo. Para tanto é preciso instigar os participantes a uma atenção mais minuciosa e abrangente (Sobreira, 2013).

De forma recorrente, no meu período de graduação, um professor regente fazia a observação que às vezes a satisfação em conseguir afinar um grupo era tamanha que o regente se esquecia de trabalhar esse som afinado em outras instâncias. Ou seja, trabalhar o som no forte, no fraco, com crescendo, com diminuendo, com texturas diferentes, fazer um trabalho com o texto: articulação das consoantes, emissão das vogais e etc. Adapto essa reflexão ao imediatismo que vivemos atualmente na busca

² Naipe corresponde a um grupo de vozes, a uma linha de vozes. A divisão é feita por meio da seguinte classificação vocal: soprano - vozes agudas femininas, contralto - vozes graves femininas, tenor - vozes agudas masculinas e baixo - vozes graves masculinas (Sartori, 2000).

por resultados rápidos aliado ao, já citado, pouco tempo de ensaio. Contudo, Fernandes e Kayama (2011) ressaltam a importância da preocupação estética com a sonoridade, e apontam na música coral do século XX a necessidade de atenção à qualidade sonora, ao vibrato e a habilidade de manipular diferentes “cores sonoras”. Sem dúvida estas são questões que trazem singularidade ao repertório e identidade ao grupo.

Na categoria 4 temos exercícios de respiração, apoio, conceito de respiração, movimentação corporal, preparação corporal e alongamento. Essa categoria compreende 10,1% das respostas na classificação geral (Tabela 4). Podemos considerar a questão da respiração inerente ao trabalho da técnica vocal. Sabemos da eficiência de uma respiração coordenada e calibrada para o canto, e que tal compreensão não é um atributo da população em geral, dessa forma, precisa ser treinada e praticada por quem deseja cantar. Logo, considerando o perfil habitual dos coralistas amadores, um trabalho que envolva corpo e respiração se faz significativo tanto no entendimento anatomofisiológico das estruturas que compreendem a respiração e o canto, como no sentido do corpo artístico que está em cena, e que ainda, pode viabilizar a unidade do grupo e sua sonoridade.

Gava Júnior, Ferreira e Andrada e Silva (2010) destacam em sua pesquisa que tanto para professores de canto como para fonoaudiólogos, o apoio respiratório seria uma estratégia para o estímulo da propriocepção. Por outro lado, Martins e Santos Júnior (2016) também falam da evolução da propriocepção quando 100% de um grupo amador percebe desempenho positivo na união de corpo e voz ao realizar vocalizes utilizando gestos (movimento corporal). Ou seja, o trabalho de respiração e corpo seriam aliados na função de centrar o indivíduo e consequentemente no espaço.

Na minha experiência, o trabalho de corpo e respiração sempre estiveram coligados e presente nos ensaios, principalmente ao iniciar trazia foco e a prontidão aos coralistas. A tranquilidade, a concentração e a descontração gerada por exercícios simples de respiração, de relaxamento e de movimento, por vezes facilitaram o treinamento mais profundo daquilo que eu objetivava com o grupo em relação à sonoridade coletiva. No início do meu trabalho parte da sonoridade advinda dessa corporeidade, da capacidade de o indivíduo sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o outro e com o mundo. Posso dizer que este seria um dos primeiros parâmetros citados por mim.

A tabela 5 nos mostra que 27.7% dos regentes indicaram somente a técnica vocal, o aquecimento e a ressonância como forma de construção do trabalho da sonoridade (categoria 1). Ainda em destaque, temos o achado da categoria 1 com a 3 (aspectos relacionados à percepção musical e experiência) com 13.8%, e a categoria 1 com a 2 (aspectos relacionados à interpretação) com 9.2%. Nos chama a atenção a ênfase na categoria 1 na preferência dos regentes para o trabalho com a sonoridade e a baixa indicação da categoria 4 (aspectos relacionados ao corpo e respiração) com 1.5%, uma vez que temos a clareza da necessidade do trabalho da respiração e do corpo para produção da voz do cantor.

As categorias 1, 2 e 3 envolvem conceitos mais pertinentes à área musical, ou seja, são aspectos presentes na formação do regente, e consequentemente, nos parece claro um maior domínio na sua aplicabilidade. Em relação ao achado da categoria dos aspectos de corpo e respiração, isso pode indicar que apesar do conhecimento da necessidade e importância desses aspectos, trabalhar corpo e respiração com o coro não nos parece uma tarefa fácil. Sobre este ponto, destaco como foi relevante atuar em campos correlatos como na dança e na educação física, por exemplo. Ter vivências e trocas com os profissionais destas áreas, do teatro e a minha aproximação na Fonoaudiologia, foi fundamental para desenvolver a consciência e ferramentas para o trabalho de corpo e respiração para sonoridade coral.

Nos parece claro, por meio da discussão desta pesquisa, que construção da sonoridade coral envolve não uma ou duas, mas todas as quatro categorias aqui apresentadas. Inclusive, elas estariam em consonância com Fucci Amato (2007) quando a autora fala das ferramentas de ensino/aprendizado do canto coral. Contudo, nos chama atenção o dado da Tabela 6 na qual a maioria dos regentes (56,9%) citou apenas uma categoria, e apenas dois regentes (3,1%) citaram as quatro categorias. Talvez esse dado indique prioridades dentro do trabalho polivalente do regente, mediante questões heterogêneas e com pouco tempo de ensaio, ou ainda, essas categorias possam ser trabalhadas de maneira transversal, mas não mensuráveis para todos os regentes. Vale lembrar que a música é envolta de práticas empíricas, o que não descredibiliza a sua efetividade.

Vale pontuar, que mesmo que cada coro tenha o seu ideal de sonoridade, fica claro ao concluir essa pesquisa que a interligação das categorias é a maneira ideal do regente ter caminhos e elementos para conseguir a sonoridade desejada. A relação e

a influência de uma sobre a outra é eminente, assim como vimos nos estudos que trazem relação do trabalho de respiração com a propriocepção, da escuta com afinação e homogeneidade, do corpo com a percepção (Gava Júnior, Ferreira e Andrada e Silva, 2010; Loiola e Ferreira, 2010; Martins e Santos, 2016).

No meu trabalho com a sonoridade recorro a todos os parâmetros que apareceram nas categorias levantadas. Contudo, a ênfase e a regularidade de cada aspecto dependem do perfil, objetivos e a fase que o grupo está. Destaco, também, que a estabilidade dos integrantes seja um fator fundamental para a escolha da conduta, em um mesmo grupo tive momentos de desenvolver exercícios vocais e repertórios complexos, em outro momento, devido a rotatividade dos integrantes, retomar questões elementares de corpo e propriocepção era imprescindível.

Ao finalizar a observação das respostas dos regentes, podemos notar que todas as colocações feitas sobre o trabalho com a sonoridade focaram no coralista como personagem de aprendizado. Todavia, há expectativa de encontrar também aspectos pertinentes à estudos e relatos mais específicos do próprio regente sobre esta questão, ou seja, não só o que se faz para preparar os coralistas, mas também como seria o preparo como regente para construir a sonoridade do coro. Sobre este ponto vejo como essencial o estudo sobre o perfil do grupo em que se atua. Além do conhecimento que regerei um grupo com 20 pessoas, seria ideal saber quem são essas pessoas, que experiência possuem, como costumam projetar as suas vozes individualmente, como soam juntas, o que as deixa em conforto e em desconforto cantando e o porquê. Esse pode ser um bom início para fazer escolhas e estratégias de condução de sonoridade.

Na conclusão desta pesquisa, reafirmo o caráter multifacetado e rodeado de desafios do trabalho do regente de coro amador. Termino com um novo alerta a respeito da necessidade do trabalho interdisciplinar e de habilidades múltiplas, principalmente as que envolvem planejamento e efetividade nas condutas (Rocha 2004; Fucci Amato 2007; Sobreira 2013; Marchant, Kavaliunas e Cassol 2017). Dos aspectos levantados para a construção da sonoridade, não saberia lançar mão apenas a uma categoria, vejo-as interligadas e exercendo benefícios mútuos, cabendo ao regente usar do seu conhecimento e sensibilidade para reconhecer em seu grupo as maiores necessidades e atribuir as condutas necessárias.

Em suma, essa pesquisa retratou que os caminhos mais utilizados por um grupo de regentes para a construção da sonoridade de um coral amador estão

amparados nos aspectos técnicos, de interpretação, percepção e corpo. Há espaços para desdobramentos em estudos que possam suprir o desafio do equilíbrio e interligação nestas condutas. Os achados desse estudo podem colaborar com pesquisas futuras no campo da Música e da relação do canto coral com a Fonoaudiologia.

7. Conclusão

As estratégias para a construção da sonoridade do coro amador utilizadas pelo grupo de regentes pesquisado têm como foco principal aspectos técnicos como vocalizes; técnica vocal; aquecimento e ressonância como destaque principal. Em segundo lugar apareceram os aspectos relacionados a interpretação e percepção musical.

8. Referências bibliográficas

- Andrada e Silva MA, Duprat AC. Avaliação do paciente cantor. In: Marchesan I Q, Silva H J, Tomé M C. Tratado das especialidades em Fonoaudiologia. GEN / Roca. São Paulo, 2014, p. 206-2013.
- Andrada e Silva MA, Duprat AC, Ghirardi ACAM, Noffs G, Bittencourt M F Q P. Ambulatório de Artes Vocais da Santa Casa de São Paulo: reflexões sobre a relação do cantor com o trabalho. In: Ferreira L P, Andrada e Silva M A, Giannini S P P. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: praticas fonoaudiológicas. GEN (Grupo Editorial Nacional)/ Roca, São Paulo, 2015, p.279-290.
- Arruia O. Informativo da Associação Coral Julia Pardini. 1980;10(126):06.
- Brandvik P. Choral tone. Webb, GB. editor. Up front! Becoming the complete choral conductor. Boston: E. C. Schirmer; 1993. p. 147-186.
- Coelho ACC, Daroz IF, Silverio KCA, Brasolotto AG. Coralistas amadores: auto-imagem, dificuldades e sintomas na voz cantada. Rev CEFAC. 2013;15(2):436-443.
- Fernandes A. O regente e a construção da sonoridade coral: uma metodologia de preparo vocal para coros. (Tese de Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes; 2009. p. 217. [acesso em 30 mar. 2017]. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000445387>
- Fernandes A, Kayama A. A Música coral dos primórdios do século XX aos primórdios do século XXI: a composição para coros e a performance do repertório moderno/contemporâneo. Música Hodie. 2011; 11:93-111.
- Figueiredo CA. Reflexões sobre aspectos da prática coral. Lakschevitz E, organizador. Ensaios: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral; 2010. p. 11-15.
- Fucci Amato RC. Voz cantada e performance: relações interdisciplinares e inteligência vocal. In: LIMA, Sonia Albano. Performance e interpretação musical: uma prática interdisciplinar. São Paulo: Musa, 2006. p. 65-79.
- Fucci Amato RC. O Canto coral como prática sociocultural e educativo-música. Opus. 2007;13(1):75-96.
- Fucci Amato RC. Habilidades e Competências na Prática da Regência Coral: um estudo exploratório. Revista da ABEM. 2008; V19. p.15-26.
- Gava Júnior W, Ferreira LP, Andrada e Silva MA. Apoio respiratório na voz cantada: perspectiva de professores de canto e fonoaudiólogos. Rev. CEFAC. 2010; 12(4):551-562.

Herr M. Considerações para a classificação da voz do coralista. In: Ferreira LP et al. Voz profissional: o profissional da voz. Carapicuíba: Pró-fono, 1998. p. 51-56.

Loiola CM, Ferreira LP. Coral amador: efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica. Rev CEFAC. 2010;12(5):831-841.

Marchand DLP, Kavaliunas FS, Cassol M. The Effectiveness of the EASE scale in the development of a vocal warm-up program for an amateur choir. Journal of Voice. 2017 v. 31:1-7.

Martins W, Santos Junior, C. Canto coral: o uso do gesto como auxílio na afinação e na sonoridade. OPUS. 2016;22(2):283-302.

Oliveira M, Oliveira JZ. O regente regendo o quê? São Paulo: Lábaron, 2005. p. 49.

Pfaustch L. The Choir Conductor and the Rehearsal. In: Decker H. e Decker, H. Choral Conducting Symposium. New Jersey: Prentice Hall Inc., 1988. p. 12.

Rehder MIBC, Behlau M. Perfil vocal de regentes de coral do Estado de São Paulo. Rev CEFAC. 2008;10(2):206-217.

Ribeiro LR, Hanayama EM. Perfil vocal de coralistas amadores. Revista CEFAC. 2005;7(2):252-266.

Rocha R. Regência: uma arte complexa – técnicas e reflexões sobre a direção de orquestras e corais. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2004. p. 72-86.

Sanchez Escamez NE, Guimarães Silva AP, Andrada e Silva MA. Popular and Classical Female Singers: Acoustic Comparison of Voice Use in the Song *Melodia Sentimental* (Sentimental Melody) by Heitor Villa-Lobos. Journal of Voice, volume 31, 2017, p. 732-741.

Sanchez ZVM, Nappo SA. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. Revista Saúde Pública. 2002;36(4): p. 420-430.

Sartori, D. Regência Coral: princípios básicos. Editora Dom Bosco, Curitiba 2000. p. 189.

Smith B, Sataloff RT. Amateur and professional choral singers. Smith B, Sataloff RT. Choral pedagogy. San Diego: Singular; 2013. p. 03-08.

Sobreira S. Desafinando a Escola. Brasília: Musimed, 2013. p. 11-65.

Stanley S. Grove Dicionário de música. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 291.

Swan H. The development of a choral instrument. Decker H, Herford, J. Choral conducting: a symposium. Englewood Cliffs: Prentice-Hall; 1988. p. 69-111.

9. Bibliografia consultada

Bickman L, Rog DJ. Handbook of applied social research methods. Sage: Thous and Oaks; 1997. p. 321-350.

Fucci AR. O Canto coral como prática sociocultural e educativo-música. Opus. 2007;13(1):75-96.

Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Bando de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009

Anexos

Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Construção da sonoridade do coro amador: estratégias utilizadas por regentes

Pesquisador: ANA PAULA GUIMARAES SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63401616.0.0000.5482

Instituição Proponente: Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.742.307

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia (PEPG em FONO), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Ana Paula Guimarães Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Marta Assumpção de Andrada e Silva.

A proposta informa resumidamente que "(...) o canto coral é caracterizado pela harmonização de vozes em grupo e a sua qualidade sonora depende do estilo musical, assim como do repertório pretendidos. Dados já apontaram que cerca de 90% dos coros no mundo todo se intitula como um grupo amador, e também que 95% dos cantores de coral amador de todo mundo não estudam canto com um professor particular, o que levou o autor a concluir que o preparo vocal desses milhões de cantores corais está nas mãos de seus regentes. Objetivo: verificar quais são as estratégias vocais utilizadas pelos regentes de coro amador para a construção de sonoridade do seu grupo. Método: pesquisa exploratória, com caráter qualitativo e quantitativo. Questionário elaborado com questões fechadas e abertas dividido em 3 partes, sendo: "parte A" dados de identificação do sujeito; "parte B" caracterização do coro amador; "parte C" investigação sobre a sonoridade do coro. A seleção dos sujeitos acontecerá por meio da técnica snowball. Os dados relativos aos procedimentos de atuação dos regentes serão descritos por meio da discussão

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu Ana Paula Guimarães, professora de canto e regente coral, portadora do RG 30.168.282-3, CPF e 274.255.328-24, estabelecido à Av. do Taboão, 2401 apto. 23 CEP: 09655-000, VI. Flórida, São Bernardo do Campo – SP, tel. (11) 9 9368 8226, mestrandia do Programa de Estudos Pós-graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP sob orientação da Profa. Dra. Marta Assumpção de Andrada e Silva tenho como proposta estudar como os regentes de coros amadores trabalham a sonoridade.

Informo que sua participação nesta pesquisa é voluntária e trata-se de responder um questionário. Sua participação não lhe trará qualquer benefício direto, mas possibilitará um aprofundamento sobre as questões relacionadas a regência de coros. Esse estudo trará contribuições para o campo da Fonoaudiologia, do Canto e da Música. A pesquisa tem risco mínimo e você poderá obter qualquer informação que deseje sobre o estudo e seus resultados parciais.

Garanto que sua identidade será preservada e que o material da sua entrevista será usado apenas no meio acadêmico e científico. Também garanto sua liberdade em desistir da participação no estudo, a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Não existirão despesas ou compensações financeiras relacionadas à sua participação.

Caso julgue estar devidamente ciente dos propósitos e procedimentos do estudo e das garantias de confidencialidade, anonimato e esclarecimentos permanentes, o seu aceite abaixo implica no seu consentimento em participar voluntariamente da pesquisa a seguir.

Dúvidas poderão ser sanadas a qualquer momento com a pesquisadora pelo telefone citado acima, ou ainda pelo Comitê de Ética e Pesquisa da PUC-SP no endereço abaixo.

Ana Paula Guimarães
Pesquisador

Profa. Dra. Marta Assumpção de Andrada e Silva
Orientadora

Anexo 3 – Questionário pesquisa PEPG PUC – SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM FONOAUDIOLOGIA

Questionário pesquisa PEPG PUC – SP

Construção da sonoridade do Coro Amador: Estratégias utilizadas por regentes

Data de preenchimento ____/____/____

A) Identificação do regente

1) Iniciais: _____ DN (data de nasc.): _____

E-mail: _____

2) Sexo: M () F ()

3) Tempo de atuação:

- ☐ De 1 a 3 anos
- ☐ De 3 a 5 anos
- ☐ De 7 a 9 anos
- ☐ Mais de 10 anos

4) Estado (s) de atuação: (lista suspensa com opções)

5) Atualmente rege quantos coros amadores:

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ Mais que 4

6) Formação profissional:

- ☐ Curso livre
- ☐ Professor particular
- ☐ Curso técnico/conservatório
- ☐ Graduação
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Outro (em caixa de seleção)

7) Na sua formação você teve algum estudo relacionado a Fonoaudiologia e/ou Otorrinolaringologia?

- ☐ Não
- ☐ Sim

B) Caracterização do coro amador selecionado

Esta pesquisa tem como foco central a sonoridade do coro. Por gentileza, para responder as partes B e C, escolha 1 (um) dos seus coros amadores de adultos que você atue por no mínimo 6 meses e que você considere que teve maior evolução em sonoridade.

1) O coro amador que escolheu é de:

- ☐ Igreja
- ☐ Escola
- ☐ Escola de língua
- ☐ Universidade
- ☐ Clube
- ☐ Condomínio
- ☐ Empresa
- ☐ Associação
- ☐ Centro cultural

- ☐ Grupo independente
- ☐ Outro. Qual? _____

(caixa de seleção)

2). Você rege esse coro há quanto tempo?

- ☐ De 6 meses a 1 ano
- ☐ De 1 a 2 anos
- ☐ De 2 a 3 anos
- ☐ De 3 a 4 anos
- ☐ De 4 a 5 anos
- ☐ Mais de 5 anos

3). Quantos integrantes há neste coro?

- ☐ De 10 a 20 integrantes
- ☐ De 20 a 30 integrantes
- ☐ De 30 a 40 integrantes
- ☐ De 40 a 50 integrantes
- ☐ Mais que 50 integrantes

4). Qual a média de idade dos coralistas deste coro?

- ☐ De 20 a 30 anos
- ☐ De 31 a 40 anos
- ☐ De 41 a 50 anos
- ☐ De 50 a 65 anos

(caixa de seleção)

5). Marque a (s) opção(es) que se aplicam ao repertório deste coro (caixa de seleção)

- ☐ Erudito
- ☐ Popular

6.1). Cite alguns exemplos do seu repertório

(resposta curta)

7). Há outro(s) profissional(is) e/ou assistente(s) envolvido(s) no trabalho deste coro?

- ☐ Não, somente eu
- ☐ Instrumentista acompanhador
- ☐ Preparador vocal
- ☐ Chefe de naipe
- ☐ Fonoaudiólogo
- ☐ Outro. Qual? _____

(em caixa de seleção)

8). Há seleção para integrar como coralista neste coro?

- ☐ Não
- ☐ Sim

(múltipla escolha)

8.1) como acontece essa seleção?

(resposta curta)

C) Investigação sobre a sonoridade do coro

1. Como você trabalha a sonoridade deste coro?
2. Em que se baseia o seu trabalho de sonoridade deste coro?
3. Você encontra alguma dificuldade para conseguir a sonoridade desejada?

- ☐ Não
- ☐ Sim

(se sim vai para 3.1 se não pulará para 4)

3.1) Quais as maiores dificuldades para trabalhar a sonoridade do seu coro?

(aberta)

4. A sonoridade do seu coro influencia o repertório a ser escolhido?

- ☐ Não
- ☐ Sim

(se sim vai para 4.1, se não pulará para 5)

4.1) Porquê?

5. Existe outro profissional que te auxilia na construção da sonoridade do seu coro?

☐ Não

☐ Sim

(se sim vai para 5.1 e 5.2 se não segue para mensagem final)

5.1) qual (is) profissional (is)?

☐ Preparador vocal

☐ Chefe de naipe

☐ Regente adjunto

☐ Outro _____

(caixa de seleção)

5.2) de que forma eles te auxiliam?

(aberta)

Anexo 4 – Carta Convite



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

R. Ministro Godoy, 969 – Perdizes – Cep: 05015-901 – São Paulo/SP
Fone: (11) 3670-8222 Fax: (11) 3670-8509

São Paulo, julho de 2017

Caro (a) Regente

Venho, por meio desse e-mail, lhe convidar para participar da minha pesquisa de Mestrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP, sob orientação da fonoaudióloga Prof^ª. Dr^ª. Marta Assumpção de Andrada e Silva.

Essa pesquisa pretende investigar as formas de atuação dos regentes de coro amador para construir a sonoridade do seu grupo. Regente profissional com o mínimo de dois anos de experiência e que estejam regendo por pelo menos 6 meses um coro amador, podem participar dessa pesquisa. Para participar você terá que responder um questionário que deve durar em torno de 20 minutos.

Visto que a área de canto coral carece de pesquisas científicas, sua participação é fundamental, pois só com a sua reflexão é que poderemos ter um material para analisar e cruzar com a literatura.

Assim que você enviar o aceite, você receberá o termo de consentimento livre e esclarecido, na sequência o roteiro para preenchimento do instrumento e depois o questionário.

Desde já, obrigado pela atenção.

Ana Paula Guimarães
Professora de canto e Regente
Mestrando em Fonoaudiologia pela PUC-SP
Fone: (11) 9 9368 8226 - E-mail: paulimana@uol.com.br

Anexo 5 – Instruções para responder o questionário

Construção da sonoridade em coro amador: estratégias utilizadas por regentes

Prezado (a) participante

Favor ler as instruções para responder o questionário.

- 1) Você irá encontrar questões abertas e fechadas. No caso das abertas, com um espaço maior para a sua resposta.
- 2) Todas as questões são obrigatórias. Desta forma, não é possível avançar com a questão sem resposta.
- 3) Procure responder todas as questões em um único acesso.
- 4) Ao final, você será convidado a deixar sugestões e comentários relativos ao preenchimento do questionário, e também a informar quanto tempo gastou para respondê-lo.
- 5) Por gentileza, solicitamos que o questionário seja respondido em até três semanas a partir da data do recebimento.

Em caso de dúvida, por favor, entre em contato pelo *e-mail* – paulimana@uol.com.br ou pelo telefone (11) 9 9368 8226.